



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DIÁRIO DE UMA QUASE JORNALISTA:
MEMÓRIA, TRÂNSITOS E TESTEMUNHO**

ELIABE DIAS CAMPOS FIGUEIREDO

Rio de Janeiro
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DIÁRIO DE UMA QUASE JORNALISTA:
MEMÓRIA, TRÂNSITOS E TESTEMUNHO**

Projeto prático submetido à Banca de
Graduação como requisito para obtenção do
diploma de Bacharel em Jornalismo.

ELIABE DIAS CAMPOS FIGUEIREDO

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

F475d Figueiredo, Eliabe
Diário de uma quase jornalista: memória,
trânsitos e testemunho / Eliabe Figueiredo. --
Rio de Janeiro, 2023.
43 f.

Orientadora: Marialva Barbosa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2023.

1. Autobiografia. 2. Jornalismo literário.
3. Diário. 4. Memória. 5. Flâneur. I. Barbosa,
Marialva, orient. II. Título.

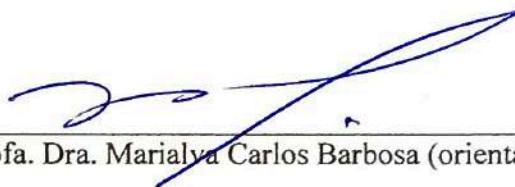
Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Diário de uma quase jornalista: memória, trânsitos e testemunho**, elaborado por **Eliabe Dias Campos Figueiredo**.

Aprovado por



Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa (orientadora)



Profa. Dra. Alice Carvalho de Melo



Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Grau: 10,0 (dez)

Rio de Janeiro, no dia 20/07/2023

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

O fim dessa aventura chamada graduação chega junto com todas as palavras escritas aqui. A pequena Eliabe de 11 anos, que sonhava em se tornar jornalista, não imaginaria tudo o que a esperava. Então, hoje, com 23 anos, agradeço a ela por não ter desistido. Cada etapa acadêmica e cada pessoa que fez parte delas. Muito obrigada. Nós conseguimos.

Agradeço à Deus por ter me dado forças e sabedoria. Por não me desamparar e cuidar de mim. Eu jamais teria conseguido sem sua infinita bondade e fidelidade.

Não existem palavras que expressem minha gratidão à pessoa mais importante da minha vida, meu exemplo e inspiração, minha base, minha mãe. Dona Vilma nunca desistiu de mim. Independente dos meus sonhos, sempre segurou a minha mão e sonhou comigo. Passou por todos os obstáculos e fez acontecer. Dividiu lágrimas e sorrisos. Pegou para si a ansiedade e o medo que, por vezes, me consumia. Nunca mediu esforços e o que fosse necessário, ela fazia. Aliás, ela faz. Muito obrigada, mãe, por você e pelo seu amor. Esse sonho é nosso. Cada palavra que eu escrever será para você. Eu te amo!

Muito obrigada ao meu amor, Lucas. Você sempre me incentivou e me apoio em todos os sentidos. Sempre foi meu porto seguro. Obrigada pelas broncas sempre que eu duvidava de mim. Obrigada pelas noites viradas comigo para que eu não ficasse sozinha. Obrigada por revisar meus textos e ser meu companheiro de todas as horas. Mas, principalmente, muito obrigada por dividir a vida comigo. Eu te amo!

Mesmo sem estar aqui, agradeço ao meu pai, meu maior exemplo de homem. Sei que você se foi cedo demais, mas enquanto esteve aqui me protegeu e cuidou de mim com todas as suas forças. Espero que esteja orgulhoso. Sempre te amarei!

Meu muito obrigada também aos meus amigos, em especial ao Hugo, que celebra cada texto publicado. Às meninas do meu eterno trio, Andressa e Katiane, por viverem esse sonho comigo. À minha família, que mesmo de longe sempre torceu por mim. Aos meus sogros, cunhados e toda família que Deus me presenteou através do Lucas, meu muito obrigada.

A todos vocês, sintam o meu amor e gratidão.

Esta é a minha aventura, com o meu jeito de olhar. Ela é pessoal, única, intransferível. Tentei ser o mais honesta possível com o que sou, senti e vivi. Tudo o que foi escrito aqui é minha interpretação. (BRUM, 2008, p.179)

FIGUEIREDO, Eliabe Dias Campos. **Diário de uma quase jornalista: memória, trânsitos e testemunho**. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

Este trabalho apresenta a proposta de uma escritura autobiográfica que nasceu a partir do trajeto urbano diário para a chegada à universidade e da necessidade de atravessar a cidade para sua concretização. Durante a viagem, personagens anônimos e devaneios guiam a história, revelando um olhar *flâneur* sobre as vidas já em movimento e uma cidade que ainda acorda. A proposta é apresentar os textos no formato de blog, levando em conta a especificidade do formato e, ao mesmo tempo, refletir, minimamente, sobre a relação entre memória, experiência de trânsito e testemunho na vida de uma aspirante a jornalista. Por meio de uma abordagem qualitativa, busca-se compreender como esses elementos se entrelaçam e influenciam a construção da identidade profissional e pessoal da protagonista que conta essas histórias. Nas linhas que tecem este trabalho, é retratado o desejo subjetivo por um jornalismo que transforma o comum em especial e, para isso, é necessário estar com olhos e ouvidos sempre atentos. Para tanto, serão usados como base autores que abordam o tema, com enfoque nos conceitos de autobiografia, jornalismo literário, memória e testemunho. O resultado revela a importância da memória, dos trânsitos entre diferentes espaços e do testemunho como forma de empoderamento e desenvolvimento de uma voz autoral.

Palavras-chave: autobiografia; jornalismo literário; diário; memória; *flâneur*.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Autobiografia e Jornalismo como literatura da vida	5
2.1. Da vivência à lembrança: em torno da memória e testemunho	9
2.2. <i>Flâneur</i> como a arte de ver o mundo	11
2.3. Querida tela: o blog como diário virtual	13
3. Relatório de produção	16
3.1. A motivação	16
3.2. O surgimento da ideia e o processo de escrita	17
3.3. Criação e formatação do blog	18
4. Diário de uma quase jornalista	21
4.1. Memória	21
4.2. Trânsito	25
4.3. Testemunho	27
5. Considerações finais	30
6. Posfácio: A jornalista do agora e o andarilho do século XX	32
7. Referências bibliográficas	34

1. Introdução

Esta é a reconstrução da minha história. Ou parte dela. E, logo eu, que não falo de mim, escolhi-me como ponto de partida e de encontro. Como base e como o assunto. Como inspiração. Sou a autora deste trabalho e mostrarei um pouco de minhas vivências. E o farei como narradora de minha própria história. História essa que só soube ser singular depois de ler sobre tantas outras.

Antes de começarmos a navegar pelo mar de memórias que desbravaremos, proponho a explicação. Vamos sanar a dúvida mais comum entre os desconhecidos que descobrem como me chamo. Eliabe. Assim, com "b". É um nome bíblico, com origem hebraica e significa "Deus é pai". Esmiuçando-o em partículas encontramos El, que significa "Deus" e aba, que significa "pai", na qual a sua junção é o resultado da única coisa que verdadeiramente pertence a mim e me é tão valiosa: meu nome.

No campo da Linguagem, a conceituação de nome próprio gera uma extensa discussão entre seus estudiosos sem ainda haver um consenso¹. Contudo, fomos ensinados desde pequenos que o nome próprio é "escrito em maiúsculas que designa algo ou alguém determinado"², sendo confirmado também na teoria de Murcho e Branquinho, que designam o conceito como "[...] termos singulares, ou ainda expressões referenciais singulares. Essas são expressões empregadas com o propósito de referir, relativamente a dado contexto de uso, um e um só item ou objeto específico" (MURCHO; BRANQUINHO, 2006, p. 495).

Salvo a minha ignorância ante os especialistas, concordo que o nome ao qual fomos inscritos desde o ventre carrega em si a especificidade de cada ser vivente que se é referido. Mas vou além. Suponho, também, que mais do que referências e signos, o nome próprio exhibe tamanha imponência que carrega vida. E vida é história. E história é multiplicidade. Vejo como um tipo de antagonismo "do um e dos muitos". A maneira como trazemos em nós todos os nossos "eu's" e suas nuances e, ao mesmo tempo, a riqueza da teia de vida que tecemos até então. Como futura jornalista constato a beleza do peso do nome próprio, e faço o meu valer como indicador da minha história. Aquela que será contada aqui.

E por falar em vida, o formato desta monografia será de caráter autobiográfico, visto que a importância de tal documentação se dá ao ponto de que são necessários registros de vida das pessoas para a construção da história. Um indivíduo é formado a partir de fragmentos de

¹ Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_280.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nome-proprio/>. Acesso em: 02 mai. 2023.

sua memória, essa que pode ser entendida como uma versão de suas lembranças tecidas à luz da subjetividade e pensar a subjetividade impõe formulações sensíveis. Então, mediante o relato sobre tais vidas, o entendimento de seus conflitos e pensamentos, dos costumes e crenças, é possível compreender um tempo e assimilar eventos que ocorreram.

Assim, a autobiografia situa-se a partir do espaço de singularidade em que o homem passou a se constituir, sendo, portanto, produto da civilização ocidental, passando a marcar um dos modos pelo qual ele pode dar conta de sua história, no contexto mais amplo da História como memória da humanidade. A reconstituição da unidade de uma vida ao longo do seu tempo passa a ser um meio privilegiado de dar testemunho da existência. (TEIXEIRA, 2003, p. 43)

Mas o que há de singular no escrito que estamos produzindo? É que falamos de um com base em outros. O que eu quero dizer é que irei falar sobre meu percurso até a universidade, mas as figuras principais são os sujeitos que perpassam o meu caminho, são as histórias por traz de seu representante. Porém, dessa vez, seremos presenteados com a voz de uma pessoa anônima no meio da multidão que observa o fluxo da vida acontecer. Às vezes, as histórias ficam ainda mais bonitas contadas de fora. Como Svetlana Aleksíevitch (2016) explica, o interessante é transformar em literatura a história relatada pela testemunha ou participante que ninguém notou. E mais que testemunhas, os envolvidos são criadores. Assim, buscamos ser "uma historiadora da alma" (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.18).

Portanto, além da materialização documental de parte de minha vida para, quem sabe, futuras pesquisas sobre um tempo que já se foi, e a observação de vivências de indivíduos que partilham indiretamente a mesma trajetória que a minha, eternizo aqui uma fase ao qual anseio jamais esquecer. E se, porventura, minha mente me trair e roubar minhas lembranças, faço deste um refúgio para reencontrá-las.

Confesso que tive dúvidas a respeito de escrever sobre as minhas idas ao alvorecer para a universidade. Parecia irrisório. Formando-me no curso de jornalismo não achava pertinente escrever sobre tal assunto. Mas, ao ser recebida pela minha querida orientadora com entusiasmo e ajuda para lapidar a proposta de trabalho, senti confiança em permanecer neste caminho. Assim, este trabalho se coloca como casa para as minhas memórias de um tempo que há de findar.

A escolha do formato de um "diário virtual", como produto que acompanha este trabalho, se deu por conta de suas múltiplas características literárias e funcionais. O autor tem a liberdade de escrita, sem restrições, censura ou limite. É possível desabafar, refletir, explorar ideias e opiniões de maneira autêntica, sem a preocupação com correções ou

juízos. Justamente por proporcionar um ambiente seguro, o diário reflete a perspectiva subjetiva de quem o escreve, revelando seus sentimentos, percepções e interpretações dos acontecimentos (e de si mesmo). Cada entrada é influenciada pelo estado de espírito, emoções e experiências vividas no momento da escrita. Para mais, um diário tem a pretensão de ser um reflexo autêntico de seu autor, sem a pretensão de perfeição ou polimento. As palavras são escritas de maneira fluida, sem a preocupação de agradar ou impressionar os outros, permitindo ao autor explorar sua verdadeira voz e autenticidade. Como ferramenta útil para a documentação temporal, por ser organizado cronologicamente, os registros das ocorrências do mundo externo permitem o acompanhamento da progressão dos eventos no decorrer dos anos. Esses atributos tornam “o diário virtual”, transvestido como blog, uma poderosa ferramenta de autoexpressão, autorreflexão e autorregistro, permitindo ao autor explorar seu mundo interior e documentar sua jornada no tempo.

Inicialmente nomeei como blog. Mas seria, de fato, um blog? Percebi que não. Como blog, o produto que apresento, tem muitas limitações. Como diário virtual instaura também no produto que apresento, os meus próprios limites. Assumo, então, que o blog é apenas um pretexto para a apresentação de um diário virtual, produzido a partir das impossibilidades do autor, que se transveste também em realizador de um produto no qual tem pouco domínio. Portanto, não tenho a pretensão de estar produzindo um blog: apresento um diário, metaforicamente materializado pelo virtual, num formato que se faz público a priori: um diário do mundo virtual. É tão somente isso que queremos apresentar.

Tenho dúvidas também se este é, de fato, um trabalho “prático”. Afinal quando ele foi pensado, não o foi desta forma. Mesmo diante de minhas muitas impossibilidades, resolvi, então, que transformaria a minha escritura num produto. Eis a razão pela qual digo que estou fazendo um trabalho prático, quando a rigor apresento um pretexto para o meu próprio desvelamento (inclusive das minhas limitações).

Tendo em vista o conceito de autobiografia, discutiremos este gênero textual, brevemente, a partir das conceituações de Philippe Lejeune e Leonor Arfuch. Em paralelo, traçamos vínculos com a questão do jornalismo literário, que mesmo não sendo central para o nosso argumento, aparece como uma espécie de contracena, para compreendermos o valor jornalístico de tramas reais. As questões da memória e, sobretudo, do testemunho, a partir da leitura ligeira de Márcio Seligmann-Silva, que explora esses conceitos e as complexidades desses fenômenos fundamentais, destacando sua relevância histórica e política também serão brevemente referenciados. Como inspiração metodológica, o trabalho tem uma natureza de pesquisa imersiva, mas como é o autobiográfico que se sobressai na narrativa, a noção de

flâneur de inspiração benjaminiana serviu de guia pra os trânsitos que construímos como pretexto para a apresentação de um texto em que emerge o narrador como construtor e guia de seus escritos e seus próprios passados.

O desenrolar dos capítulos se dará de maneira cronologia e linear, iniciando-se com um capítulo teórico para conhecer o campo em que estamos nos movendo; e juntamente ao decorrer do começo da minha viagem, que tem como partida o bairro de Colégio (zona norte do Rio de Janeiro) e que se encerra na Urca (bairro localizado na zona sul que acolhe a UFRJ), passando pela Central do Brasil (ponto de transição entre as duas conduções que necessito utilizar). Assim será a sucessão dos capítulos em formato de pequenas crônicas que contam o extraordinário de um início de dia.

2. Autobiografia e jornalismo como literatura da vida

Phillipe Lejeune (2008) escreveu o que seria, na sua concepção, a definição de uma autobiografia. Entretanto, ao fazê-lo, ele depara-se "fatalmente com discussões clássicas sempre suscitadas pelo gênero autobiográfico" (LEJEUNE, 2008, p. 13). Após uma nova proposição, Lejeune então define a autobiografia como: "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Neste contexto, uma de suas contribuições mais significativas se dá pela distinção entre o eu autor e o eu narrador. O eu autor é o indivíduo real que viveu as experiências descritas na autobiografia, enquanto o eu narrador é o sujeito que narra a história no texto. Lejeune enfatiza que a escrita autobiográfica envolve uma seleção e uma representação subjetiva dos eventos vividos, e essa representação é moldada pelo eu narrador. E, aqui, autor, narrador e personagem mantêm uma relação de identidade. Ele argumenta que a autobiografia é um gênero literário que envolve um acordo implícito entre o autor e o leitor. Esse contrato estabelece que o autor está se comprometendo a relatar fatos reais de sua vida e cabe ao leitor crer nesta verdade, firmando dessa forma o pacto autobiográfico, ficando interligados através dele. No entanto, Lejeune reconhece que a noção de "verdade" na autobiografia é complexa e muitas vezes subjetiva. Tal narrativa, definida por sua autenticidade, é expressa pela assinatura, pelo nome próprio.

Penso, contudo, que essa definição, longe de ser arbitrária, ilumina o essencial. O que define autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. E isso é verdadeiro também para quem escreve o texto. (LEJEUNE, 2008, p. 33)

O teórico também investigou a importância do tempo e da memória na escrita autobiográfica. Ele explorou como os eventos do passado são reconstruídos no momento da escrita e como a memória afeta a forma como o autor se representa. Lejeune argumenta que a escrita autobiográfica não é apenas uma reprodução fiel dos eventos passados, mas uma construção ativa que é influenciada pela perspectiva do autor no presente.

Assim, na leitura que Amorim (2016) faz de Lejeune, este "defende que a vida é a matéria prima para uma autobiografia, uma vez que 'sei que transformar sua vida em narrativa é simplesmente viver. Somos homens-narrativas'. Qualquer vida está apta a se tornar uma autobiografia, uma vez que qualquer trajetória de vida é uma narrativa" (AMORIM, 2016, p. 229).

Se acrescentarmos a estas reflexões a contribuição de Leonor Arfuch (2010), veremos que a questão da narrativa da própria vida também ocupa lugar central em sua reflexão. Arfuch aborda a autobiografia como forma de expressão literária e artística na qual um indivíduo narra a sua própria vida. No entanto, ela vai além. Arfuch problematiza o conceito canônico de uma autobiografia como uma simples narrativa factual dos eventos da vida de uma pessoa e propõe o que chamou de espaço biográfico. Em suas obras, enfatiza a dimensão construída socialmente e subjetiva da autobiografia. Para ela, a autobiografia é vista como um processo de criação de identidade e subjetividade. Ela argumenta que a escrita autobiográfica é influenciada por fatores culturais, históricos e sociais, e é moldada pelas normas e convenções da sociedade em que o autor está inserido. A autobiografia é vista como forma de contar histórias de si mesmo, mas também como uma maneira de negociar, relembrar e reinterpretar experiências pessoais em um contexto mais amplo.

Falar do relato, então, dessa perspectiva, não remete apenas a uma disposição de acontecimentos - históricos ou ficcionais - numa ordem sequencial, a uma exercitação mimética daquilo que constituiria primariamente o registro da ação humana, com suas lógicas, personagens, tensões e alternativas, mas à *forma por excelência de estruturação da vida* e, conseqüentemente, da identidade, à hipótese de que existe, entre a atividade de contar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas que apresenta uma forma de necessidade “transcultural”. (ARFUCH, 2010, p. 111, grifos da autora)

Com o impasse de definir os diferentes gêneros da escrita de si³ na contemporaneidade, a autora segue por um caminho de “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas” (ARFUCH, 2010, p. 57), que remete a um tipo de debate interdiscursivo e textual. De acordo com Arfuch, “assim, evidenciou-se a pertinência de considerar essas formas não só em sincronia, mas em intertextualidade: mais do que um mero repertório de ocorrências, impunha-se uma articulação tjiie outorgava sentidos, *um modo de olhar*” (ARFUCH, 2010, p. 22, grifos da autora).

³ A noção de escrita de si aparece na produção intelectual de Michel Foucault especificamente em *A escrita de si* e *A Hermenêutica do Sujeito*, um texto e um curso em que a amplitude do conceito de escrita de si pode ser alcançada através de uma problematização sobre a subjetividade. Ambos foram produzidos na última fase do trabalho do filósofo, dedicada aos estudos éticos sobre a composição da subjetividade ocidental no período greco-romano e início da era cristã. [...] No pequeno texto de 1983, *A escrita de si*, Foucault mostra como o ato de escrever sobre si mesmo, seja para si ou para o outro, constituiu um dentre os muitos exercícios (*askesis*) e técnicas vivenciadas na antiguidade greco-romana no processo de cuidar de si mesmo e de fabricar a si mesmo. Ou seja, a escrita desempenhou entre os antigos uma função ética no movimento de transformação da subjetividade de um indivíduo em busca da verdade interior, seja como autoconhecimento ou como forma de conduzir a própria vida numa perspectiva estética. (RAGUSA; DO SANTOS OLIVA, 2021, p. 117-118, grifo do autor)

A diversidade de manifestações desse tipo de escrita moldou e vem moldando o sujeito contemporâneo, na medida em que surgem no meio midiático novas formas de se expressar para além de autobiografias clássicas, a exemplo de *talk e reality shows*, entrevistas, perfis, redes sociais etc.

E, ao reconhecer que a "relevância do biográfico-vivencial nos gêneros discursivos contemporâneos" (ARFUCH, 2010, p. 63) transcende a cultura de massa, Arfuch aprofunda sua investigação para compreender como os profusos e distintos gêneros se conversam.

Voltando às interrogações em torno da composição de nosso espaço biográfico, a enumeração heteróclita que realizamos, que não visa de modo algum à equivalência de gêneros e formas dissimilares, assinala, no entanto, um crescendo da narrativa vivencial que abarca praticamente todos os registros — numa trama de interações, hibridizações, empréstimos, contaminações - de lógicas midiáticas, literárias, acadêmicas (em última instância, culturais), que não parecem se contradizer demais. Espaço cuja significância não está dada somente pelos múltiplos relatos, em maior ou menor medida autobiográficos, que intervêm em sua configuração, mas também pela apresentação “biográfica” de todo tipo de relatos (romances, ensaios, investigações etc.). (ARFUCH, 2010, p. 62)

Como a autora argentina apresenta, ela não dissocia essas possibilidades, mas captura uma interação constante. Assim, "nessa dinâmica, segundo minha hipótese, o biográfico se define justamente como um espaço intermediário" (ARFUCH, 2010, p. 29).

Todavia, o presente trabalho é focado e construído nos paradigmas que Philippe Lejeune exprimiu. Uma autobiografia carregada de memórias e com tom de um diário.

É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro. Quero poder, amanhã, dentro de um mês ou 20 anos, reencontrar os elementos de meu passado: os que anotei e os que associarei a eles em minha memória. Terei um rastro atrás de mim, legível, como um navio cujo trajeto foi registrado no livro de bordo. Terei minha vida a minha disposição. Talvez nunca mais ou raramente abra esses cadernos: mas sei que poderei fazê-lo. Além disso, a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma "identidade narrativa" que tornará minha vida memorável. É a versão moderna das "artes da memória", cultivadas na Antigüidade. O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, "disco rígido" e memória viva. (LEUJENE, 2008, p.261-262)

De que estas narrativas de vida, biografias e autobiografias, se entrelaçam com as textualidades jornalísticas? Se o pressuposto canônico do jornalismo é o distanciamento de si ao privilegiar o outro, haveria possibilidades de aproximação? Até que ponto o jornalismo literário apresenta brechas possíveis para a manifestação do autobiográfico? Livros-reportagens, por exemplo, transbordam evidentes traços influenciados pela literatura. Por

consequência, ou não, o gênero que trabalharemos pode considerar a partir seus fios enroscados ao jornalismo que conta histórias de vida e exibem o lado sensível dos fatos.

Em meados dos anos 1960, nos Estados Unidos, jovens jornalistas contestaram os padrões da escrita profissional da época – moldada pelos padrões de objetividade, distanciamento e na produção de um texto que privilegiava os fatos, produzindo do ponto de vista narrativa uma hierarquização das informações na chamada pirâmide invertida – e estabeleceram, a partir do flerte com a literatura, uma nova alternativa de jornalismo, no que seria conhecido como *new journalism* ou novo jornalismo. Com um texto estendido, o que conhecemos hoje, no padrão digital, como jornalismo *longform*, os escritos deixaram de ser apenas relatos e num tom quase literário reconstituíam os acontecimentos através da experiência do repórter. Assim, apresenta-se em uma ótica subjetiva, um estilo literário semelhante à não-ficção, em que a visão do escritor-jornalista se coloca acima dos métodos convencionais da construção da notícia, concedendo liberdade para que os repórteres possam ousar e produzir reportagem intensivas, com mais detalhes, aprofundando-se nas histórias conforme escrevem. É possível mergulhar nas emoções e sensações do que é noticiado. Para fazer um bom jornalismo, muito além de termos um "olhar desacomodado" (BRUM, 2008, p. 92), é necessário observar, testemunhar, refletir, entender as relações, enfim, decidir se fazer presente. Vale lembrar que esses são pontos cruciais na *práxis* jornalística.

Edvaldo Lima explica que "o jornalismo literário, a seu turno, coloca-se uma missão mais ambiciosa, que é a de tecer os liames de compreensão abrangente dos acontecimentos, tendo sempre como eixo as histórias humanas que lhes dão dramaticidade, no sentido narrativo" (LIMA, 2016, p. 3). Lima fundamenta a especialização em duas características relevantes, tanto como estilo como escola de narrativas da vida real: "a busca de significados que é o propósito-condutor de seus textos e a atenção, igualmente devotada, tanto aos aspectos factuais quanto aos simbólicos, nessa perseguição ao sentido das coisas na prática da história imediata centrada em pessoas, que é o coração da modalidade" (LIMA, 2016, p. 1).

A definição de novo jornalismo foi pregada a uma geração de jornalistas-escritores a partir do livro editado por Tom Wolfe, em 1973, intitulado *The New Journalism*, e posteriormente outros repórteres, como Truman Capote, Gay Talese, Hunter S. Thompson, Norman Mailer e outros, que também se dedicariam aos estudos do novo modelo. No Brasil, dois nomes consagrados foram: Euclides da Cunha⁴ (1866-1909) e João do Rio⁵ (1881-1921),

⁴ Possivelmente o autor mais lido nos estudos de jornalismo literário, Cunha foi um escritor e jornalista carioca e sua obra mais famosa é *Os Sertões*, a qual fala da guerra de Canudos de 1897, na Bahia.

que podem ser considerados precursores do jornalismo literário da forma como é praticado na contemporaneidade (MARTINEZ, 2016, p. 26).

2.1. Da vivência à lembrança: em torno da memória e do testemunho

Para Márcio Seligmann-Silva "o testemunho é uma modalidade da memória" (2008, p. 73). Silva explica que para que o desenvolvimento nas últimas décadas dos estudos sobre testemunho ocorresse, precisou acontecer "uma *virada culturalista* dentro das ditas ciências humanas" (SILVA, 2008, loc.cit., grifo do autor). De acordo com o pesquisador, "nesta virada a memória passou a ocupar um lugar de destaque, submetendo a quase onipresença da historiografia no que tange à escritura de nosso passado. Neste período também a própria historiografia se abriu aqui e ali à influência dos discursos da memória" (SILVA, 2008, p. 73-74).

Silva destaca a importância da memória como elemento central na construção da identidade individual e coletiva. Ele examina como a memória é influenciada por eventos traumáticos, principalmente em seus estudos sobre a Shoah, e como essas lembranças podem afetar o indivíduo e a sociedade. É possível notar que a memória não é um processo objetivo e neutro, mas sim um fenômeno subjetivo e complexo, influenciado por fatores sociais, culturais e políticos.

Quanto ao testemunho, o autor examina a importância dos relatos pessoais de eventos traumáticos e históricos. Ele analisa como o testemunho pode ser um ato político e ético, capaz de desafiar diferentes narrativas. Também discute como a escrita e a literatura podem servir como formas de testemunho, permitindo que aqueles que sofreram eventos traumáticos expressem suas experiências e compartilhem-nas com os outros.

O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível, entre o "real" e o simbólico, entre o "passado" e o "presente". Se o "real" pode ser pensado como um "desencontro" (algo que nos escapa como o sobrevivente o demonstra a partir de sua situação radical), não deixa de ser verdade que a linguagem e, sobretudo, a linguagem da poesia e da literatura, busca esse encontro impossível. Vendo o testemunho como o vértice entre a história e a memória, entre os fatos e as narrativas, entre, em suma, o simbólico e o indivíduo, essa necessidade de um pensamento aberto para a linguagem da poesia no contexto testemunhal fica mais clara. (SILVA, 2009, p.82)

⁵ Pseudônimo para João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, que foi jornalista, cronista, contista, dentre outros. Nascido, também, no Rio de Janeiro, imergia na sociedade carioca e transformava pessoas urbanas comuns em tema de investigação nos seus profundos relatos.

Silva aborda os conceitos de memória e testemunho como centrais na compreensão da condição humana, questionando suas formas de funcionamento e destacando sua relevância na construção de narrativas individuais e coletivas. Suas reflexões nos convidam a repensar a forma como lembramos e contamos histórias, promovendo uma abordagem mais atenta e sensível aos traumas e experiências compartilhadas.

Tendo em vista a materialização e conservação dos acontecimentos, vemos que a base das histórias, individuais ou coletivas, são as memórias. Essas são fruto das mudanças do próprio tempo e recebem novos significados sempre que são mais uma vez narradas. Para mantê-las aquecidas, torna-se fundamental materializá-las, de modo a serem resgatadas quando conveniente. Em seu artigo *Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro*, Marialva Barbosa (2006), doutora em História, faz uso da obra de Freud, *Nota sobre um bloco mágico*, de 1924, para explicar a relação de memória e esquecimento. De acordo com a produção, que tem como tema central a memória em sua mais importante materialização, a escrita, há dois tipos de memória escrita mais particulares: a duradoura e a passageira.

Assim, enquanto o papel escrito com tinta é “rastros duradouros de memória”, a escrita com materiais facilmente apagáveis, como, por exemplo, o giz no quadro negro, é a memória efêmera. Há, portanto, um sistema que favorece a memória que pretende perdurar, e um outro mais próximo do esquecimento. (FREUD, 1924 apud BARBOSA, 2006, p. 15)

E pensando no caráter testemunhal do jornalismo, Peres (2016) explica que uma das máximas do jornalismo é ter a objetividade como alicerce e que as produções jornalísticas imparciais e mais técnicas podem refletir o real e a verdade absoluta. Diz ainda que o testemunho, no jornalismo, também está relacionado a uma "matriz de verdade presumida" e reforça a autoridade do campo. "O repórter seria aquele que testemunha, 'que traz a verdade em sua fala porque esteve presente no lugar de ocorrência do fato como um terceiro'" (CASADEI; VENÂNCIO, 2012, p. 220 apud PERES, 2016, p. 98). Então, a autora completa que o axioma em questão não leva em conta que só por estar presente na cena, o jornalista já altera a realidade. Segundo ela, "por esse mesmo raciocínio, pode-se dizer que a noção de testemunho objetivo também sucumbe frente ao fato de que o testemunho corresponde a uma experiência vivida e também vem à tona sob a forma de construção de linguagem" (PERES, 2016, p. 98).

Para contrapor a ideia anterior, Peres usa o conceito de “narrador-jornalista”, cunhado por Fernando Resende (2002), e explica que essa categoria nos "ajuda a entender melhor o lugar que o jornalista ocupa no texto, quando narra" (PERES, 2016, p. 97).

[O narrador-jornalista] Se coloca um passo além disso e dar a ver a cena de outros modos, entendendo que a realidade é complexa, feita de texturas, de cheiros, de muitas vozes, de silêncios. Um narrador-jornalista que aparece na cena de forma explícita e incisiva. Um narrador-jornalista que oferece ao leitor outras nuances do real. (PERES, 2016, p. 97)

Portanto, ao se propor narrar o que, inicialmente, não é narrável, o testemunho se apresenta como construção de linguagem e pode gerar impactos que despertam o que há de singular na vida cotidiana.

2.2. *Flâneur* como a arte de ver o mundo

A vida acontece na rua, e é ela o principal instrumento no exercício jornalístico. Olhar o mundo, observar os acontecimentos e ouvir as pessoas exige atenção, mas o resultado desse trabalho é gigante. Repórter não faz história boa dentro da redação. É necessário ir para a rua.

E a história? Ela está na rua. Na multidão. Acredito que em cada um de nós há um pedacinho da história. Um tem meia paginazinha, outro tem duas ou três. Juntos, estamos escrevendo o livro do tempo. Cada um grita sua verdade. O pesadelo das nuances. E é preciso ouvir tudo isso separadamente, dissolver-se em tudo isso e transformar-se em tudo isso. E, ao mesmo tempo, não perder a si mesmo. Unir o discurso da rua e da literatura. Outra complexidade está no fato de que estamos falando do passado com a língua de hoje. Como transmitir por meio dela os sentimentos daqueles dias? (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 19)

E tendo em vista a importância das ruas, a partir da urbanização, na esteira da Segunda Revolução Industrial, que ocorre a partir segunda metade do século XIX, quando desabrocha na Europa a concepção de cidade moderna, o poeta francês Charles Baudelaire percebe uma figura que vagueia à espreita pelas esquinas, buscando os detalhes da vida rotineira – acontecimentos que se vão pelos olhos distraídos dos sujeitos – e o chama de *flâneur*.

Com a definição de "caminhar sem destino certo"⁶, a essência de andarilho vai além de ser simplesmente alguém ocioso, exala uma intenção política, faz potente o fútil, dá valor ao banal, percebe diferente o trivial. A andança traduz e revela diferentes maneiras de experimentar o espaço. Com a sua atração pelo examinar a multidão, o flâneur faz da cidade seu campo de investigação e se constrói, então, como “cronista e filósofo do povo” (BENJAMIN, 1994, p. 35). E, ao se permitir ter um olhar aberto ao que cruza seu caminho, seu compromisso em desvendar a massa concebe algo surpreendente: o "fazer botânica no asfalto" (BENJAMIN, 1994, p. 34).

⁶ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/flanar/>. Acesso em: 17 mai. 2023.

Para o perfeito *flâneur*... é um prazer imenso decidir morar na massa, no ondulante... Estar fora de casa; e, no entanto, se sentir em casa em toda parte; ver o mundo, estar no centro do mundo e ficar escondido no mundo, tais são alguns dos menores prazeres desses espíritos independentes, apaixonados. [...] O amoroso da vida universal entra na multidão como se em um imenso reservatório de eletricidade. Também podemos compará-lo a um espelho tão imenso como essa multidão, a um caleidoscópio dotado de consciência que, a cada movimento, representa a vida múltipla e a graça comovente de todos os elementos da vida. (BAUDELAIRE apud BENJAMIN, 1994, p. 221, grifo do autor)

Claro que estes movimentos, estas ambiências, este espírito do tempo dizem respeito ao longínquo século XIX. Mas poderíamos pensar numa atitude *flâneur* no século XXI? Não seria isto, a priori, um contrassenso? Seria possível numa cidade como o Rio de Janeiro, em que a rua abunda violência, mas mesmo assim, é ocupada permanentemente, nos limites das possibilidades, numa atitude *flâneur*? Que especificidades teria este *flâneur* da era digital, de olho permanentemente nas telas dos seus celulares, enquanto caminha (quando isso é possível, evidentemente)? Seria o jornalista do século XXI ainda um *flâneur*? São perguntas que fazemos, mas, ainda, sem a pretensão de responder. Apenas pensamos.

De acordo com a leitura benjaminiana, ainda que a expressão primária venha da literatura, "a base social da *flânerie* é o jornalismo" (BENJAMIN, 1994, p. 225). No fazer jornalístico, pode-se encontrar a *flânerie* em escritos mais poéticos, como no já citado jornalismo literário. E correndo na contramão do jornalismo *hardnews*, que não encontra tempo para flunar, a cidade e suas belezas deixam de ser um território pronto para ser desvendado e tornam-se entraves do automatismo profissional⁷. Acerca disto, não estamos lançando mão de uma *flanêrie* em caráter fidedigno, no entanto, respeitando as diferenças locais e temporais, usamos mais como um apelo para que percebam o mundo com um olhar desvelado.

Um exemplo de *flâneur* é o cronista João do Rio. Em uma de suas consagradas obras, *A Alma Encantadora das Ruas*, o autor retrata as mudanças urbanas e sociais que a então capital do Brasil, o Rio de Janeiro, sofria na época, a chamada Belle Époque. Paulo Barreto escreveu sobre a vida cotidiana carioca do início do século XX. Ele diz que "é preciso ter espírito vagabundo e nervos com um perpétuo desejo incompreensível. É preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar" para entender a "psicologia da rua" (RIO, 1995, p. 5).

⁷ Devemos pontuar também que o gênero crônica faz com intensidade da apropriação das ruas a possibilidade de sua própria construção. Não iremos nos aprofundar nesta questão, mas é importante remarcar esta característica histórica das crônicas publicadas pela imprensa de maneira geral.

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. (RIO, 1995, p. 4)

Novos tempos, novos contextos. O flâneur ainda é capaz de se ajustar para continuar narrando a vida apoiado em suas qualidades centrais? Esta dúvida nos acompanha. Mas faremos de uma atitude que metamorfoza o *flâneur* como possibilidade de construção do diário virtual que estamos propondo neste texto.

2.3. Querida tela: o blog como diário virtual

O diário carrega a responsabilidade de ser o esconderijo perfeito para os maiores segredos, desejos e confissões de quem o escreve. Muito comum na adolescência, principalmente entre as meninas, lá é o lugar onde podemos falar sobre o menino que gostamos, o que achamos das pessoas do nosso círculo social e como nos sentimos em relação àquele período, que parece ser o pior de todos os tempos.

Antes, o mais comum era ser escrito em cadernos e, como explica Pimentel, "o diário é um retrato de quem o escreve, já que o diarista registra uma experiência, captando as disposições do espírito e os pensamentos mais íntimos" (PIMENTEL, 2011, p. 5).

Segundo a autora, os diários mantêm marcas de um ato comunicacional, pois apresenta um diálogo entre o primeiro destinatário, o próprio diarista ou o "eu sujeito" e o "eu objeto", representado pelo diário propriamente dito. Assim sendo, a escrita do diário está ligada à necessidade de conhecer a si mesmo, como autor e leitor. "Há uma projeção natural do leitor naquele personagem-autor do diário, e vice-versa. A presença de um leitor, mesmo que imaginário, leva o autor, também movido pela curiosidade, a desnudar sua vida" (PIMENTEL, 2011, p. 6).

Com os avanços tecnológicos, o que era manuscrito passou a ser digitado. Lejeune explica como a chegada das máquinas ocorreu na França dos anos de 1990. Desde o final do século XX, inicialmente, de forma tímida, as casas foram ganhando computadores e internet. O próprio autor confessa que, de início, não se adaptou com a novidade, mas se permitiu ter uma nova experiência e foi como "amor à primeira vista". "Quando vi que era preciso uma combinação de teclas para passar ao itálico, achei impossível e desisti. [...] me convenceram a comprar um Mac IIsi. O Mac me conquistou, me fez feliz" (LEJEUNE, 2010, p. 317). Sem

gostar de cadernos nem de sua letra, ele passa a escrever seu diário na máquina e ainda aposta no sucesso – hoje confirmado – do computador e o descreve como "flexível, jovem e lúdico" (LEJEUNE, 2010, p. 317).

Com a junção dessa escrita mais íntima de si e o digitalização da sociedade nasceu o chamado blog. Este termo vem da abreviação de weblog, que pode ser entendido como "arquivo na rede". Seu surgimento ocorreu em 1999 quando empresário norte americano Evan Willians, criou a ferramenta blogger. E o principal destaque para o sucesso da invenção é a facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos (MARCUSCHI, 2004 apud LOUREIRO, 2012, p. 7).

A aproximação e semelhança entre o diário e blog se dá, em primeiro lugar, pelo caráter subjetivo e expositivo, visto que o blogueiro escreve, em geral, sobre sua vida. Para mais, ainda que esteja online, o dono do site ainda consegue controlar os acessos e as interações do público, permitindo que seja feito apenas o que é aceitável, como um tipo de "modernos diários virtuais".

Resumidamente, os blogs funcionam como um diário pessoal na ordem cronológica de anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um da rede. Muitas vezes, são verdadeiros diários sobre a pessoa, sua família ou seus gostos e seus gatos e cães, atividades, sentimentos, crenças e tudo o que for conversável. (MARCUSCHI, 2004, p. 61 apud LOUREIRO, 2012, p. 10)

Os blogs podem ter vários estilos, o mais comum é o pessoal, que manifesta opiniões, vivências, pensamentos e opiniões. Podem ser profissionais, servindo de espaço para difusão de conhecimento ou discussão de projetos ou até serem colaborativos, no qual um grupo de pessoas mantém o mesmo site. Mas um não anula o outro, sendo possível misturar os estilos entre si.

No que tange o discurso, pode-se classificar o blog como um gênero emergente digital. Ou seja, o gênero utilizado como instrumento de comunicação está ligado ao acesso à internet e se conecta com o lugar social em que a interação com o texto é produzida. "Os temas encontrados nos blogs são tão diversos quanto o horizonte ideológico de "autores", tudo depende da intenção que ele teve ao criar o seu blog" (LOUREIRO, 2012, p. 9).

Portanto, como um gênero discursivo que abarca outros, o blog pode ser comparado ao diário em seus aspectos fundamentais de intimidade, controle, liberdade e frequência de entradas escritas no site.

Entretanto, para esta monografia temos consciência da limitação do blog que produzimos. Desta forma, apresentamos não o blog como o trabalho prático: mas o exercício

da escrita produzida como diário virtual. O que destacamos é a emergência de uma escritura, como possibilidade do testemunho de si ser exercício explícito do fazer jornalístico.

3. Relatório de Produção

O tema foi definido: a vida que transcorre durante a viagem até a universidade. A partir de então, começou uma busca incessante por materiais, textos e escritores que embasassem o assunto a fim de compreender e contextualizar a importância dos escritos autobiográficos para o entendimento historiográfico de um tempo, além de revelar o expressivo valor de narrativas reais e, por vezes, desconhecidas para o jornalismo.

Durante os estudos dos conceitos que foram apresentados no capítulo anterior, observou-se que o trabalho poderia ser classificado como uma pesquisa descritiva. Segundo Carlos Eduardo Franciscato, em seu artigo *Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo*, "na pesquisa descritiva, o pesquisador procura *“conhecer e interpretar a realidade, sem nela interferir para modificá-la”*, isto é, *“está interessado em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”*, com o objetivo de conhecer *“a natureza do fenômeno, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam”* (RUDIO, 1986, p. 55-57 apud FRANCISCATO, 2007, p. 4-5, grifos do autor).

Na fase inicial, que pretendeu teorizar conceitos considerados chaves para a monografia, refleti sobre o formato que iria adotar para escrevê-la. Então, decidi por narrar as histórias a partir do ponto de vista pessoal, como quem escreve em um diário, no decorrer de seu dia. Para mais, mostrou-se oportuno a utilização do gênero textual crônica, que em linhas gerais tem como base a vida urbana, como um retrato verbal do cotidiano.

A temática escolhida foi a viagem cotidiana de uma aluna do subúrbio em direção à Escola de Comunicação, no bairro da Urca, distante 30 quilômetros do meu ponto de origem. O que via pelos caminhos? Que sensações sentia neste caminho de todos os dias que também representava a mudança do meu próprio caminho (e de meu destino, quem sabe)?

Neste capítulo, explico a motivação de embarcar tão cedo com destino ao bairro da Urca e descrevo o processo de construção das histórias e como elas se tornaram o produto final apresentado.

3.1. A motivação

Ouvi por diversas vezes o questionamento: "por que sair tão cedo para pegar o ônibus tendo um metrô no seu bairro?". De fato, o modal é a opção mais confortável, rápida e segura. Em cerca de 40 minutos já estou em Botafogo, e com mais uns 10, chego à Urca. Mas eu respondo o porquê. Vivemos em uma sociedade capitalista e desigual onde a diferença

econômica é evidente. Não estou aqui para declarar ódio aos ricos – ainda que saibamos que seus privilégios não se limitam apenas ao capital – mas o que estou querendo dizer é que nem sempre a melhor opção é a viável.

Ano após ano, o preço do metrô vem sofrendo altos ajustes⁸ e, conseqüentemente, pesando no bolso da população. E eu sou uma dessas pessoas que são afetadas. Entretanto, eu sempre sonhei em estudar jornalismo, especificamente na UFRJ. Na época do vestibular, em 2019, não consegui entrar de primeira, o que me fez tentar novamente no segundo semestre daquele ano. Nunca cogitei desistir do meu sonho de carreira, então não seria a mobilidade que o faria.

Entre os desafios, uma solução: o passe livre universitário. Ainda como pauta de luta para o corpo discente, o passe livre nos dá direito a quatro passagens diárias em ônibus municipais convencionais, BRT e VLT. Como ainda não é intermodal e nem intermunicipal, o benefício não atende todos os estudantes, mas para a minha realidade foi a saída necessária.

De posse do meu cartão de passagem, percebi que para alcançar a minha meta ainda teria que passar por mais alguns obstáculos. O primeiro seria sair ainda de madrugada de casa, tendo em vista a distância entre a minha casa, a universidade e o horário das aulas. Já o segundo, as longas horas de viagem que se sucederiam, com direito a baldeação na metade do itinerário. Em meio a tantos contras, ainda passamos por uma pandemia que mudou a dinâmica acadêmica e mexeu com a tão idealizada experiência universitária. Apesar disso, o receio, o desânimo ou a insegurança – que não dá para mentir, por vezes se fizeram presentes e gritantes – não me pararam e hoje estou aqui, escrevendo o trabalho de conclusão de curso em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3.2. O surgimento da ideia e o processo de escrita

O que parecia ser difícil, e realmente foi, acabou se tornando o tema da minha monografia. Com imensa admiração pela jornalista e escritora Eliane Brum e bebendo de sua fonte, com o olhar mais apurado comecei a ver potencial e encanto naquelas manhãs compartilhadas com pessoas desconhecidas. Algo como sua premiada obra *A vida que ninguém vê*, na qual ela reúne crônicas-reportagens sobre "acontecimentos que não viram

⁸ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1o7nx2QrQBpeL9pavqIIIIZY56mweSoCbV/view?usp=sharing>. Acesso em: 18 mai. 2023.

notícias e pessoas que não são celebridades"⁹. Uma jornalista que imerge em um extraordinário cotidiano que pode ser incomum.

Assim, como já confessei, tive medo de persistir nesse tema e formato. Contudo, hoje vejo como as pequenas crônicas ganharam alma; constatei que tudo tinha um propósito. Valeu a pena.

Quando a fase de pesquisa teórica acabou, caiu a ficha de que era chegada a hora de iniciar efetivamente a produção escrita e montar a estrutura narrativa. Foi um período reflexivo em que algumas vezes, depois de horas frente ao computador, não conseguia escrever sequer uma palavra. Era eu e aquela folha em branco com um ponteiro piscando esperando para correr sobre as palavras. Paralisava. Precisava de um tempo para que as emoções se acalmassem.

Na hora de montar o quebra-cabeça, foquei em dar linearidade ao texto, organizando-o cronologicamente para ambientar e trazer clareza para quem o ler. Colocar a realidade em orações, traduzir os sons em escrita e os sentimentos em linguagem foi incrivelmente cativante. E a narração em primeira pessoa vem ao encontro do propósito da identidade escritor-narrador-personagem, além de ser um dos parâmetros do *new journalism*. Igualmente, usamos os recursos de reconstrução da história com cunho subjetivo, mas compreensível (LIMA; ALMEIDA; GUERRA, 2016, p. 7).

Por fim, reitero, que o conteúdo desta monografia reflete parte da minha vida. Desde a primeira palavra até o último ponto. "O repórter precisa sentir aquilo sobre o que escreverá e só então ordenar o caos encadeando os fatos" (SILVA; GOMES, 2011, p.4). Assim sendo, aqui deixo o que vivi, senti e observei.

3.3. Criação e formatação do blog

A primeira plataforma que me veio à cabeça foi o famoso Blogspot ou Blogger, como é chamada a ferramenta. Fui então em busca de tutoriais que me ajudassem a reaprender mexer nas funcionalidades que precisava. Muito intuitivo, aprendi rápido, porém encontrei como obstáculo o quesito tema. Queria um espaço minimalista, mas bonito. Comecei a pesquisar sobre templates prontos personalizáveis, mas todos que eu gostava apresentavam algum erro quando implementado na plataforma. Resolvi que buscaria outra plataforma para me ajudar. Pensei no Wordpress e no Wix, visto serem ferramentas muito conhecidas e

⁹ Disponível em: <http://elianebrum.com/livros/a-vida-que-ninguem-ve/>. Acesso em: 18 mai. 2023.

utilizadas. Mas entendi que tais plataformas fugiam do propósito do trabalho. Sites lindos são projetados nestes endereços, entretanto a minha proposta era outra. Recomecei a saga até que descobri o Webnode, um sistema com o mesmo ideal dos já citados que foi desenvolvido por uma empresa da República Checa. Encontrei a função e a formatação de blog entre suas funções e foi então a decisão foi tomada.

A primeira escolha já havia sido feita, agora era o momento de personalizar. Escolhi o modelo "blog de arte", visando sua aparência minimalista e sofisticada. Todo branco com os textos em preto, senti a semelhança entre o papel e caneta prontos para serem usados como baú que guarda histórias. Com instruções simples e claras sobre as configurações do blog, mudei o nome, coloquei as histórias, montei as páginas de navegação e formatei um espaço para contatos. Além disso, aproveitei para divulgar algumas redes sociais e fiz uso do hiperlink para a facilitação no momento do acesso. As abas do site¹⁰ estão dispostas da seguinte maneira:

- a. **Início:** Contém o título do blog e por quem é escrito. Uma foto com uma descrição divertida da autora e suas redes sociais se encontram na lateral direita. No eixo central, encontram-se as publicações.
- b. **Blog:** Esta aba se inicia com uma pequena descrição logo abaixo do título. Pode ser visto todas as publicações lado a lado. O intuito é gerar agilidade, visto que, quanto mais posts mais para baixo os anteriores vão ficando.
- c. **Sobre:** Aqui está uma minibiografia com tom mais sério da autora. É falado de maneira breve também sobre o trabalho em questão. Também é apresentado um botão que redireciona para a íntegra desse relatório. Assim, além do resultado, o visitante também poderá entender a teoria por trás do trabalho.
- d. **Contato:** Caso haja a vontade ou necessidade de contato com a autora, aqui há um formulário que envia para o e-mail cadastrado a mensagem desejada.

Com a base do blog neutra, os pontos de cores foram deixados exclusivamente para as fotos presentes que foram tiradas por mim. A simplicidade das fotografias ilustra a rapidez em que, no nosso cotidiano, conseguimos capturar os momentos pelas lentes dos celulares que estão sempre ao nosso alcance. A prioridade do diário é o eu narrativo textual. Por isso, não apresentamos tantas imagens, apenas o necessário para a compreensão visual do leitor. A primeira, que ilustram a crônica *Memória*, mostra o primeiro ônibus chegando no ponto ainda de madrugada. Esta foto vem para simbolizar a partida, o início da viagem. A segunda,

¹⁰ Disponível em: <https://eliabefigueiredo.webnode.page/>. Acesso em: 31 mai. 2023

referente à crônica *Trânsito*, mostra o ponto do segundo ônibus do trajeto e um pouco da realidade da rodoviária. Representa a reflexão que o texto transmite. E, por fim, a terceira, capa da crônica *Testemunho*, mostra o famoso Laguinho, quase um patrimônio material da Eco, que ilustra a chegada ao destino e a importância desse lugar.

Com poucos recursos disponíveis e uma verba nula para investir, foram usados para a concepção do projeto a versão gratuita da plataforma Webnode, tendo como ponto negativo a presença constante da tarja azul de convite do site. Entretanto, uma grande vantagem é a sua adaptabilidade para os diversos tipos de tela, *mobile* e *desktop*, tornando-o um blog responsivo que facilita a visualização de qualquer lugar que seja exibido. Para mais, as fotos foram tiradas pelo smartphone Samsung Galaxy A-52S, que tem quatro câmeras traseiras de resolução 64 Mp + 12 Mp + 5 Mp + 5 Mp cada uma. As fotos foram tiradas com a câmera principal de maior resolução. Para um resultado melhor, a edição das fotos foi feita por mim no aplicativo Lightroom e os efeitos usados foram presets, que são tratamentos de imagem predefinidos. Em cada uma das fotos foram aplicados, respectivamente, *A View by the Sea* (Uriel Contreras), *Urbano* (Ian Argueta) e *Popped Texture Detail* (Isac Frazer).

Após todos os ajustes implementados, fotos e textos editados e já posicionados, o site foi oficialmente disponibilizado, concretizando esse projeto final.

4. Diário de uma quase jornalista

As crônicas autobiográficas produzidas se originaram a partir de minhas andanças pela cidade e se formaram pelo meu desejo de contar aquilo que vi e vivi. Mais do que notícias de um jornalismo tradicional, as vidas são arte. Destacam a história e nos fazem pensar e conhecer o cenário em que estamos envolvidos.

Para além das análises conceituais evidenciadas nos capítulos anteriores, apresento agora a disposição do resultado prático. Foi uma condição imposta pela vida que me provocou e me fez tecer as histórias que se encontram prontas para sempre lidas.

4.1. Memória

Na primeira crônica conto um pouco sobre minha rotina matinal, o horário em que acordo e o caminho até o ponto onde pego o primeiro ônibus. As linhas sucessoras seguem o trajeto até a primeira parada, que é no Centro. Faço observações sobre as pessoas e as vidas anônimas que dividem comigo o início pouco conhecido de mais um dia, como os trabalhadores de uma fábrica e as estudantes do Colégio Pedro II, que compartilham comigo a experiência de fazer parte de uma escola centenária e crucial na história. Devaneios e questionamentos se fazem presentes para imergir o leitor ao íntimo do narrador-personagem.

São quatro e vinte da manhã, um som alto e atordoante atravessa o aconchegante escuro e frescor do quarto. É o despertador anunciando mais um dia de faculdade. Levanto-me querendo ficar, espreguiço-me e espio a rua pela fresta da janela. Nada de diferente. Caminho até o banheiro, por sorte fica em frente ao meu quarto, e ligo o chuveiro. Não temos água quente, então faço meu ritual diário para entrar embaixo da água. “1..., 2..., 3... e... já”. As primeiras gotas geladas doem, mas me fazem despertar, e em poucos segundos sinto a temperatura agradável ao corpo. Termino o banho e, enrolada na toalha, vou até o fim do corredor, abro cuidadosamente a porta e chamo bem baixinho para não assustá-la: “Mãe, acorda, já vou me arrumar”. Ao que recebo como resposta: “Tudo bem, filha. Já vou levantar e passar um cafezinho para você”.

Depois de arrumada e com a alma aquecida do café com gosto de amor, hora de finalmente irmos. Minha mãe me leva todo dia ao ponto de ônibus. Saímos às 5:10 para que

eu possa pegar o ônibus das 5:20. Na esquina de casa fica a padaria mais movimentada do bairro, na qual podemos ouvir o som do rádio bem alto, evidenciando que por ali os trabalhos também já estão a todo vapor. Caminhamos por uma longa rua de acesso. Uma ou duas pessoas também seguem na mesma direção. O vento gelado corta o rosto, então aceleramos o passo, tanto para nos aquecermos como para chegar o quanto antes. Ao chegarmos na principal, avistamos uma ilha de luz na escuridão indicando já estarmos próximas, e andamos mais um tanto até chegar efetivamente no ponto. Pontualmente, como quem sabe que o tempo é valioso, vejo o 298 - *Castelo x Acari* se aproximando. Faço sinal, dou um beijo e me despeço de minha mãe. As portas se abrem e ali sei que minha viagem começa verdadeiramente.

Embarco e cumprimento o motorista, que sorri e me deseja de volta um “bom dia”. Vejo que quase todos os bancos já se encontram ocupados, mas, do lado direito, avisto um banco vazio quase que iluminado, esperando por alguém para preenchê-lo com novas histórias. Acomodo-me perto da janela, olho para fora e observo a cidade ainda adormecida passar. Deixo que meus pensamentos agora me guiem durante os próximos cinquenta minutos que não de se seguir.

Olhando aquele ônibus cada vez mais cheio começo a entender algo que parece óbvio, no entanto nunca havia realmente refletido sobre: a jornada começa às 7:00, pois às 4:00, os preparativos já foram realizados. Com isso, reparo. Tem engravatado, uniformizado, amassado, descolado... E mesmo diferentes, todos tinham algo em comum: enquanto a escuridão ainda reina soberana no horizonte, suas vidas já estão em movimento. Antes mesmo do sol raiar e pintar o céu com suas cores, os primeiros passos são dados em silêncio. Os madrugadores dedicam-se a tarefas invisíveis para muitos. Os trabalhadores incansáveis e os estudantes ávidos precisam das primeiras horas da manhã para construir seu dia – e aqui, eu me reconheço. Enquanto o mundo ainda dorme, nós despertamos para enfrentar desafios, conquistar metas e buscar sonhos. Há uma beleza singular nesse despertar antecipado.

Alguém, aliás, *alguéns* que me chamam atenção são homens e mulheres, vestidos com roupas brancas. Não, não são médicos. Usam uma camisa pesada, calça mais folgada e aquelas galochas de açougueiro (que nunca soube o nome correto, mas que a definição é tão emblemática que nem me importo tanto). Conteí uns cinco, mas logo embarca mais um para compor a equipe operária. O símbolo bordado no lado esquerdo do peito revela o destino. Piraquê. Uma empresa de produtos alimentícios que tem sua fábrica localizada no bairro de Turiaçu. Imagino como será a pressão de trabalhar em uma parte tão importante da cadeia de produção. Mas logo concluo que o mais difícil deve ser o autocontrole com aquele perfume

que entrega o que é feito ali dentro. O cheiro de biscoitos recém assados se prolifera, envolvendo tudo ao seu redor com um aroma irresistível, deixando um rastro que possibilita saber exatamente onde estamos. Os que descem estão começando e os que sobem estão entregando mais um dia de trabalho. "Como será ter uma rotina invertida?" Sinto uma estranheza ao pensar em uma vida do avesso, mas não dizem que às vezes o avesso é o lado certo?! Permito-me o questionamento.

Uma voz me tira do devaneio. Um tom mais alto do que o necessário para o horário, aparentemente animado e com certeza feminino. Chuto se tratar de um soprano, visto o quanto foi agudo o "bom dia, meu amor!" que alguém recebeu pelo celular. Ergo a cabeça e deixo que meus olhos encontrem quem é a pessoa bem humorada antes das seis. Lá está, uma mulher branca, alta, cabelos pretos que estão soltos e molhados – sem dúvidas, foram lavados esta manhã – vestida com roupa esportiva, óculos de sol e uma mala enorme daquelas que atletas carregam. Ela senta no banco atrás do meu e sinto certa raiva, já que aparentemente seu aplicativo de mensagem ainda tem bastante contatos para receberem o cumprimento que fazem eu me sentir como se tivesse um megafone ao lado dos meus ouvidos. Respiro fundo e volto para um lugar mais tranquilo: meus pensamentos.

Depois de uns bons minutos parados em Madureira, que além de ser uma preciosidade carioca, também é um ponto de acesso para diversos lugares do Rio, a essa altura já estamos chegando em Cascadura. Na parada da rua Barão de Bananal embarca duas meninas com o uniforme do Colégio Pedro II. Na mesma hora sinto um misto de saudade, admiração e um pouco de ciúmes. Cursei meu ensino médio nessa instituição e foram os melhores anos da minha vida. Sigo-as com o olhar e presto atenção no que estão falando. Não entendi bem, mas ao que parece, há um trabalho de química envolvido, e elas não parecem gostar muito. Involuntariamente, concordo com a cabeça sem nem mesmo estar na conversa, porém internamente em minhas lembranças, sei exatamente o que elas estão passando.

Observando a vida daquelas meninas constato, em mais um devaneio, que nos lançamos no agora carregados de tudo o que experienciamos, deixando rastros que evocam para os outros e para nós que já estivemos ali.

Já no bairro de Pilares, seguimos por sua avenida principal. Essa, até mais que em Madureira, é a parte mais demorada da viagem. Além de longa, a João Ribeiro é marcada por várias paradas e em quase todas, alguém sobe e alguém desce. Quando finalmente chegamos ao final, entramos na reta até o Norte Shopping. Tenho para mim, em um tipo de mapa imaginário, que estamos na metade do caminho. Pego o celular para conferir as horas e vejo

que a tela inicial marca 5:47. Reparo no céu e algumas flechas de luz começam a rasgar a escuridão. Daqui a pouco amanhece.

Eu, que entrei na condução lá no início do trajeto, garanti um assento para ir mais confortável. Agora, até o corredor já se encontra sem espaço e, diferente de poucos minutos atrás, nesse momento já não consigo mais ver o outro lado de bancos, apenas um homem jovem, com roupas básicas como uma calça jeans e uma camisa cinza lisa, com fones de ouvido – o que me fez querer saber o que estava tocando – e uma mochila preta grande que ele segurava sobre os ombros virada para frente. Para não parecer invasiva, parei de o encarar, voltei meus olhos para frente, ajeitei a postura e segui conversando comigo mesma imaginariamente.

Reconheço o local o qual estamos passando agora. Benfica. É muito complexo falar sobre a vida nesse espaço e, mais ainda, tentar compreender. Meu lado humano julgador observa com maus olhos a falta de oportunidades melhores. Um lugar carente de tantos aspectos básicos para uma boa qualidade de vida. No entanto, eu me repreendo automaticamente. Sim, a realidade ao redor do metrô de Triagem não é das mais fáceis, mas não posso e nem devo generalizar a experiência de vida dos outros. Apesar das dificuldades enfrentadas, muitos lugares periféricos são vibrantes, resilientes e mantêm um forte senso de comunidade. Os moradores se ajudam de tal forma que equivale muitas vezes como família. Além disso, existem pessoas muito talentosas e empreendedoras que buscam criar oportunidades para si e suas comunidades. Então, é preciso ter respeito. Para enfrentar tantos desafios, entendo ser necessário um esforço em conjunto entre governos, organizações e a sociedade. Ao reconhecer a riqueza cultural e o potencial das comunidades, seguimos em direção a uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

Chegamos em São Cristóvão, antecessor do Centro do Rio. Após rodar por espaços conhecidos por vista, mas desconhecidos de nome, seguimos pela rua São Luiz Gonzaga, talvez o ponto de referência mais conhecido da região. Repleto de comércio, condomínios e com um centro médico, a via dá acesso a diversas partes do local. Entre elas, o meu saudoso Colégio Pedro II, unidade do bairro. Vejo descer as meninas que me fizeram lembrar um pouco de mim refletido nelas. Desejo mentalmente que elas consigam passar pelo desafio que tanto temem. Mirando o lado oposto, vejo o emblemático Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, ou popularmente chamado, Feira de São Cristóvão. Não lembro de ter visitado muitas vezes esse Patrimônio Cultural do Rio, mas recordo de minhas raízes ao vê-lo. Meu pai, baiano de corpo, alma e coração, perpetuou em mim características da sua terra, que é um pouco minha também. Assim como ele, eu amo um cuscuz amarelo com um pouquinho de

manteiga derretida pelo próprio calor do prato. Baião de dois e carne de sol então, nem se fala. Mas, como nada é perfeito, escorreguei e não tomei gosto por frutos do mar. Nenhum mesmo. Ainda assim, ao ver a homenagem ao povo mais brasileiro que há, sinto mais um pouco dele em mim. Ele se foi, porém cada pedaço dele permanece vivo no meu coração (e de brinde, no meu jeito também).

Deixo para trás símbolos que compõem o meu eu e percebo a proximidade do primeiro destino. Já na rotatória da área militar, começo a pensar como o trajeto pela cidade é uma verdadeira viagem através de diferentes bairros e paisagens. Aos poucos, o céu vai clareando, as ruas ganham vida e a cidade desperta para a sua agitação característica. Mas aqueles que experimentam o amanhecer silencioso sabem que há algo especial em testemunhar o início de uma nova jornada antes de tudo se iluminar.

4.2. Trânsito

Central do Brasil. A mudança de um cenário adormecido para a movimentação diária de uma área urbana. O amanhecer, o fluxo de carros, as pessoas; cada elemento como peça principal de uma tela sendo construída. O meio do caminho como ponto de encontro de histórias. Uma visão do centro da cidade quase como um centro global, onde tudo pode acontecer. A espera do segundo ônibus e a observação dos pontos históricos do local. Antes do destino final, o testemunho da expressão da pobreza na fé como esperança de tempos melhores e a visão de vidas renegadas fazendo do público seu privado, da rodoviária sua casa.

Pela janela do ônibus, observo a vida em movimento. Uma leve virada na zona da Leopoldina transformou um cenário adormecido em um centro urbano movimentado e vibrante. A surpresa em constatar que ali todos já estavam mais adiantados do que eu podia imaginar. O fluxo de veículos era intenso, o burburinho incessante de vozes embaladas pelo som das buzinas, e tudo isso com um plano de fundo incontestavelmente belo: o alaranjado do nascer do sol em harmonia com o azul tímido do céu.

Ao olhar para o lado, identifico um lugar que muito ouço falar e vejo nas passagens dos telejornais, era o Instituto Médico Legal (IML) do Rio. Parece tão simples ou bobo, mas a sensação de alegria que me invade é como de uma criança que está descobrindo a si e ao mundo e cada nova descoberta é sinônimo de uma explosão imaginária de fogos de artifício.

"Assim que eu voltar, preciso contar para minha mãe que agora eu sei onde é o IML", é o único pensamento que eu consigo ter enquanto sigo para meu destino – inclusive, está mais perto e me preparo para dar sinal avisando que a próxima parada é a minha.

Passado o bairro da Cidade Nova, desço do coletivo no último ponto antes da virada do 298 na rua General Caldwell, ou, mais comum, virar no posto de gasolina na esquina em frente ao Rio Imagem. Atravesso as quatro pistas da Avenida Presidente Vargas em conjunto com uma mini multidão que segue para a mesma direção. Entre as faixas, precisamos desviar do grupo que vem em direção oposta, o que evidencia ainda mais o retrato vivo do pulsar da cidade.

Chegando no terminal rodoviário Procópio Ferreira, efetivamente na Central do Brasil sinto que estou realmente em um centro universal, em um local onde tudo acontece. Lanchonetes, barraquinhas de doces, camelôs de roupa e potes plásticos. Uma infinidade de ônibus rumo às mais diversas regiões, indivíduos que vem e que vão. E isso antes das sete da manhã.

Já na extensa fila do segundo ônibus, o *107 - Urca x Central*, contemplo as imagens que estão ao meu redor. Avisto o famoso relógio da Central, símbolo da antiga Estação D. Pedro II. Mais a frente temos a Praça Duque de Caxias, onde está localizado o Pantheon de Caxias – homenagem ao Patrono do Exército – e onde ficava a sede do antigo Ministério da Guerra, quando o Rio ainda era capital do Brasil. Sem falar no Campo de Santana, um largo com uma grande área verde que abarca alguns animais, como capivaras. Percebo que a Central, outrora o coração de um país, hoje é a combinação de história e cultura de um tempo e de um povo. Com o ritmo frenético do cotidiano, passamos pelos lugares, olhamos, mas não vemos. E, assim, em cinco minutos desligada das demandas diárias e em sintonia com o espaço ao qual estou inserida, enxergo o mar de riquezas que, mesmo com os percalços, ainda são nossos e ainda são lindos. A simplicidade da vida é apreciar os pequenos momentos cotidianos, os detalhes que de uma forma transmitem paz, contentamento e gratidão. Experiências simples que merecem seu devido valor.

Mas a vida não é só beleza e encanto. A Central também reflete uma parte triste da nossa sociedade. A rodoviária tem em seu perímetro as características de casa para muitos moradores de rua que ali se abrigam. É invisível e longa as vidas e as circunstâncias de cada um que está ali. Alguns por escolha, outros por falta de opção, mas todos condenados pelo estigma de quem vê o mundo de outro ângulo. "Não há saída? Claro que sim. Mas como fazer?" Questiono, imagino. Sinto compaixão. Eu, que nada tenho, vejo quem tem menos ainda. Entre pedidos de dinheiro e de comida, enxergo em alguns um pedido de socorro. Não

é mentira que muitos pedintes têm intenções ruins, mas também não é o caminho certo generalizar. Muitos sofrem com a desconfiança e o medo, porque outros fizeram com que isso fosse necessário. Contudo, transmito esperança para um futuro e uma vida melhor para cada um deles.

O cheiro que arde em meu nariz me tira de meus pensamentos. É urina sendo lavada com cloro. O funcionários esfregam com força o chão, o qual escorre um líquido com odor forte e coloração escura. Parecem querer limpar aquilo como, se o fazendo, estivessem apagando o rastro das vidas renegadas dali. Mas não adiantaria. Bastava olhar para o outro lado.

Ouçõ um alto e estrondoso "amém". Viro-me para ver o que se trata e avisto um homem com um microfone e uma caixa de som, com uma Bíblia aberta nas mãos, rodeado por vários pessoas. Entendo a situação: é um culto. Logo depois de passar a palavra para uma mulher, ela explica que estão ali todos os dias, a partir das 5:00 e ficam até 6:30. Olho o relógio e vejo que a programação está prestes a findar. Além dos membros daquele corpo religioso, há também moradores de rua e muitos trabalhadores ao redor.

O pobre, em sua infinita fé, se agarra ao divino na esperança de uma vida melhor. Na busca de subverter o jogo ao qual estão inseridos, a batalha diária de trabalho e correria são complemento das preces fervorosas por prosperidade e bonança. É quase indissociável o laço entre a pobreza e a fé, como um sistema que precisa mutuamente dos dois elementos.

Ao finalizar o culto, uma das irmãs começa a cantar um hino que em suas linhas diziam: "Deus promete grandes coisas conceder a qualquer que peça, crendo que há de obter a resposta, sem na fé enfraquecer. Sua fé Jesus contemplará"¹¹.

E embalada pela trilha sonora de esperança, a minha fila começa a andar e embarco em meu segundo ônibus em direção ao meu destino final. Testemunho o mais genuíno que a vida oferecer: o significado das pequenas coisas que nos cercam ao longo do nosso caminho e estar presente e consciente das emoções, conexões humanas e milagres que ocorrem diariamente.

4.3. Testemunho

A partida do Centro para a Urca. Os bairros intermediários pelos quais o coletivo dá as suas voltas. A história de uma figura especial que se destaca em meio aos tantos outros

¹¹ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cantor-cristao/623755/>. Acesso em: 31 mai. 2023

passageiros que também usam a condução. Finalmente, a chegada na UFRJ. A observação de um campus que ainda está acordando. O testemunho do bastidor de um dia que ainda começará. A troca de turnos dos vigilantes, a chegada dos funcionários e dos alunos, além de assistir a preparação das salas para as aulas que acontecerão. O café da manhã que se faz companheiro para enfrentar mais uma bateria de ensinamentos. E, por fim, a reflexão da importância das memórias.

Quando o ônibus arranca, sinto-me aliviada em finalmente estar na última etapa da minha viagem. Acanhada, de pé em um cantinho, despeço-me até o dia seguinte do pequeno centro do mundo através das janelas em movimento, que ultimamente têm sido minhas lentes para enxergar a vida.

Com um trajeto longo pelas ruas do Centro, passando pelo Passeio e pela Glória, até chegar em Botafogo para atravessar até a Urca, vejo as pessoas se preparando para mais um dia, crianças indo para a escola e comerciantes abrindo suas portas. A brisa que entra pelas janelas chega como toque que acaricia o rosto. Fecho os olhos e deixo que a sensação de paz me domine enquanto qualquer pensamento que ouse atrapalhar seja dissipado. Contemplo o mar e o verde que fomos presenteados e fico feliz em viver cada aventura que a vida me propõe. O trajeto não demora tanto, mas a ansiedade que sinto faz com que o relógio pareça girar lentamente.

Um passageiro em especial me chama a atenção. Todos os dias pegamos o ônibus juntos. É um homem negro, de cabelos encaracolados, cego, que aparenta ter seus quase 40 anos. Ele sempre pede para avisarem quando chegar no ponto do Boteco Belmonte. Tem dias que alguém gentil atende sua solicitação e em outros, ele perde o ponto, descendo num à frente. Comecei a tentar decorar as paradas para o avisar com antecedência. Falhei. Quando achava que era a próxima, ainda faltava pelo menos duas. Entendi que eu não era a pessoa mais indicada para aquela tarefa. Mas ainda assim tenho curiosidade em saber mais sobre esse sujeito diferente. Torço para um dia ter a oportunidade – lê-se encher o peito de coragem – para conversar com ele.

Uns 25 minutos depois e algumas muitas voltas, desembarco na Urca, localização do motivo do meu múltiplo deslocamento matinal: a UFRJ. Com suas atividades ainda tímidas, deparo-me com dois ou três estudantes. Entretanto, reparo em outra movimentação. A troca de turnos dos servidores. Assim como divaguei ao ver os trabalhadores de fábrica em vidas

invertidas, pego-me pensando o mesmo agora. "Como será passar a noite em uma universidade vazia? Eu não teria coragem". Acabo sorrindo sozinha ao reparar que até em uma situação hipotética eu consigo ser medrosa.

Caminho até o palácio enquanto digito uma mensagem para a minha mãe avisando que já cheguei. Automaticamente chega a resposta: "Tenha um bom dia, boa aula e que Deus te abençoe". Sinto meu coração acalentado com tanto amor e cuidado.

Ao adentrar a Escola de Comunicação, cumprimento o vigia que fica na porta e recebo, com gentileza, um "bom dia" de volta. Ando pelos corredores até o banheiro e analiso como aquele espaço é diferente vazio. Logo, aquele cenário se transformará. Ecoará o som das pisadas do vai e vem de alunos, professores e funcionários misturado às vozes emboladas nas conversas paralelas. "Ah, como eu acho lindo os detalhes despercebidos que a vida nos apresenta feito enigmas esperando serem desvendados".

Testemunho a chegada dos servidores da limpeza e a preparação das salas. Uma a uma serem abertas, limpas e arrumadas para mais uma maratona ao decorrer do dia. Mesmo acordando cedo demais e passando por um longo deslocamento, sinto-me privilegiada de, além de viver o principal, participar também dos bastidores. Assim, quando envelhecer, recordarei e contarei cada parte desse espetáculo que é a vida.

Por sair ainda de madrugada, tomo café na universidade. Ora trago de casa, ora compro aqui. Inclusive, até a abertura das barracas de lanche eu presencio. Chego entre 6:55 e 7:00, e elas costumam abrir lá pelas 7:15. Caminho até a última e peço uma porção do melhor pão de queijo que já comi até hoje. Pego também um café para ajudar a dissipar o resquício de preguiça que ainda me resta.

Sentada no banco frio de concreto, admiro a minha universidade ganhando vida. Pessoas vindo de uma viagem tão longa quanto a minha, outras chegando a pé do condomínio que fica ali na rua de trás. Tem também os carros e táxis que param bem na porta e transmitem a tranquilidade de uma chegada confortável. Confirmando as desigualdades. Manifesto esperança para um porvir melhor.

Confiro o relógio. São 7:32. Levanto e sigo de volta para o palácio, minha aula está começando. Reflito sobre tudo o que já vivi antes mesmo da alvorada. Sinto-me segura de que, se um dia tudo desmoronar, a memória será nosso refúgio.

5. Considerações finais

A ideia de assumir como nossas as memórias que construímos assim como fazemos com nossos nomes próprios serviu de combustível para a viagem que traçamos até aqui. E essa longa viagem, que atravessa a cidade, encheu a vida e a experiência da futura jornalista com aprendizados e lembranças que desembarcaram nas linhas aqui escritas. O caminho foi árduo. O destino, que parecia distante, chegou tão veloz quanto o flash da câmera que registrou o início. Mas ele veio, e junto trouxe a convicção de que a história, que é tão viva, continuará seguindo seu rumo, passeando por entre as tantas vidas que esperam para serem contadas.

O tema dessa monografia tem como proposta evidenciar a importância de se ter um olhar observador e ouvidos atentos para os acontecimentos do dia a dia. O jornalismo, em suas diversas formas, é essencial para a busca de uma sociedade mais democrática. Entretanto, seu lado sensível e humano pode se perder entre os padrões e normas que o engessam, ou até pelas caixas de emails lotadas com o turbilhão de informação que recebemos a todo momento, circunstâncias essas que nos cegam e nos ensurdecem. Então, para aprimorar a habilidade de enxergar além, podemos dizer que o exercício de flunar pela cidade surge como auxílio para um jornalismo do povo e para o povo, valorizando a vida comum e seu entorno. Aqui estabeleço o compromisso no "ser jornalista" como uma observadora-narradora-personagem de uma roda-gigante colorida e vibrante, que tem seus altos e baixos, mas que não para de girar. Sou e serei narradora do meu tempo, alimentando-me de histórias prontas para ganharem voz.

Associado à ideia de subjetividade, principalmente com a poética do jornalismo literário e os traços do gênero textual crônica, percebi que o tema do meu último trabalho como graduanda estava mais próximo do que eu imaginava. Apenas precisei voltar os olhos para uma parte de mim. Pude, então, concluir que as formas que surgem na folha em branco enquanto redijo esses textos carregam sentimento. Contar é sentir. E há emoção em cada escolha de palavra.

Dessa forma, tornou-se nítido que, mais que habitantes de uma cidade, estamos nela e ela em nós. "Lugar de encontro das diversas memórias e oralidades da metrópole [...], a cidade é a gente" (VARGAS, 1998, p. 107 apud ROVIDA, 2015, p. 79). Portanto, as vivências aqui contadas foram um chamado para o refinamento do olhar e um convite para nos debruçarmos sobre o valor e a influência que a memória e a atenção ao redor nos garante para podermos rasgar o véu que esconde e separa o ordinário das grandes histórias.

Hoje, após quatro anos de muitos ensinamentos e experiências, depois de uma pandemia que parou o mundo e ressignificou a vida, finalizo um sonho que parecia distante e que depois que chegou, parecia infindável, porém nesse momento parece que passou mais rápido do que deveria.

Então, com todo o meu coração, desejo que a vida continue sendo uma bela viagem cheia de detalhes assim como o trajeto de Colégio até a Urca.

6. Posfácio: A jornalista do agora e o andarilho do século XX

Cem anos depois de sua morte, Lima Barreto recebe o título de Doutor Honoris Causa pela UFRJ. Com uma vida e uma carreira sem o reconhecimento adequado, a homenagem póstuma chegou quase como um presente. Eu já flertava com a ideia de escrever algo sobre o escritor, mesmo sabendo que nenhuma palavra minha seria o bastante para expressar sua grandiosidade. Então, quando soube da decisão do Conselho Universitário tive certeza do que deveria fazer.

Afonso Henriques de Lima Barreto, cronista crítico, dedicou-se em falar nas suas obras sobre questões sociais e raciais a partir de sátiras e denúncias, além de contar os detalhes da vida cotidiana popular carioca. Lima nasceu em 13 de maio de 1881, data que em anos mais tarde marcaria a história, e morreu com 41 anos, em 1 de novembro de 1922. Seus pais eram descendentes de escravos e sua infância foi humilde e difícil, já que perdeu sua mãe quando ainda era muito novo.

Começou o curso de Engenharia, mas não concluiu pois precisava cuidar de sua família após seu pai adoecer. Depois de passar no concurso, trabalhou até se aposentar no então Ministério da Guerra. Ingressou no jornalismo aos 24 anos e chegou a lançar uma revista chamada “Floreal”, mas durou apenas quatro números. Foi internado duas vezes no hospital psiquiátrico que hoje é a Escola de Comunicação da UFRJ, lugar exato em que estudo a profissão que o consagrou. Teve problemas com alcoolismo e morreu jovem por ataque cardíaco.

Esse é um pequeníssimo resumo de sua breve vida, mas a intenção aqui não é fazer uma biografia dessa figura emblemática, e sim, reconhecendo as devidas proporções, traçar um paralelo da vida de Lima com a minha.

Quando decidi escrever sobre uma etapa importante do meu dia, a primeira pessoa a quem fui comparada – e me senti muito honrada, diga-se de passagem – foi Lima Barreto, visto a conotação andarilha e pessoal do meu trabalho que muito se assemelha com os escritos do autor. Daí em diante, comecei a procurar mais sobre sua vida e sua escrita e acabei por descobrir que temos mais em comum do que eu poderia imaginar. Nós dois partimos de uma família com vida simples, perdemos um dos pais antes dos 10 anos de idade, partilhamos o mesmo tom negro de pele e estudamos no Colégio Pedro II. Como se não bastasse, encontro e compreendo Lima na escrita. Ficcionou sua própria vida em suas obras, fazendo com que seus personagens fossem reflexos de seus próprios fantasmas. Com uma escrita de si, tornava em literatura o que era real. Além disso, com um olhar atento e observador, contava sobre a vida

dos menos favorecidos na cidade, seus contrastes, costumes e ambientes. Ironizava o estilo de vida burguês e exprimia em tom de queixa as desigualdades e discriminações.

Como um dos principais nomes do pré-modernismo, Lima faz uso de uma linguagem coloquial em seus escritos, o que o levou a receber muitas críticas no círculo dos literatos conservadores. Por vezes, ignorava as regras e padrões linguísticos propositalmente. E o jornalismo que eu me proponho a exercer é um jornalismo para todos, sem enfeites ou vocabulário erudito. Um jornalismo democrático. O cronista escreveu diversos textos, mas seus maiores sucessos foram os livros “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, “Vida e Morte de M. J. Gonzaga e Sá” e “Diário do Hospício - Cemitério dos Vivos”.

Com tantas semelhanças, faço de Lima Barreto meu guia no percurso do jornalismo. Sempre que precisar de coragem para falar, precisar lembrar onde as verdadeiras histórias estão e fazer da minha escrita uma reflexão do meu eu, olharei suas obras e lembrarei que seu legado deve e merece ser perpetuado. Com muita admiração afirmo: a jornalista do agora será como o andarilho do século XX. Lima e eu. Fazendo histórias. Tanto na vida quanto na escrita. Pelo menos esse é o meu desejo.

7. Referências bibliográficas

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- AMORIM, M. I. F. de. O real do narrador fantástico – uma análise de Viver para contar, de Gabriel García Márquez. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 227–242, 2016. DOI: 10.30620/gz.v3n1.p227. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3286>. Acesso em: 4 maio. 2023.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 12, p. 13-26, dez. 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. (Obras escolhidas v. 3), 1994.
- BRANQUINHO, J.; MURCHO, D. GOMES, N. **Enciclopédia de termos lógicos filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. aum. Porto Alegre: Arquipélago Editorial LTDA, 2008. 376 p. ISBN 978-85-60171-85-9.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 9., 2007. Salvador. Anais eletrônicos... Salvador: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0596-1.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2023.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LIMA, Edvaldo Pereira. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. ID25024, 2016. DOI: 10.15448/1980-3729.2016.s.25024. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/25024>. Acesso em: 11 maio. 2023.
- LIMA, R. G.; ALMEIDA, V. P.; GUERRA, M. O. O New Journalism e sua estrutura: Discussões acerca de parâmetros de análise do Novo Jornalismo. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 36, 2016. São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3078-1.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2023.
- LOUREIRO, Valéria Jane Siqueira. O Blog: de diário virtual eletrônico a recurso didático no processo de ensino de LE no Clic. In: **Colóquio Internacional "Educação E Contemporaneidade"**, 6., 2012. São Cristóvão. Anais eletrônicos... São Cristóvão: EDUCON, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/10177>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.
- PERES, A. C. Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 31, p. 92-104, abr. 2016

PIMENTEL, Carmen. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. **O Marrare**. Rio de Janeiro, ed. 14, 2011. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero14/carmenPimentel.html>. Acesso em: 01 jun. 2023.

RAGUSA, P.; DO SANTOS OLIVA, A. . Subjetividade, Individuação e Escrita de Si: Aproximações teóricas entre Michel Foucault e Carl Gustav Jung. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 112–126, 2021. DOI: 10.5216/rth.v23i2.64279. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/64279>. Acesso em: 5 maio. 2023.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas/João do Rio** - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

ROVIDA, Mara Ferreira. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Líbero**. São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/71>. Acesso em: 25 mai. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 1, p. 65–82, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>. Acesso em: 17 maio. 2023

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255>. Acesso em: 10 maio. 2023.

TEIXEIRA, L. C.. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, v. 14, n. 1, p. 37–64, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100004>. Acesso em: 4 maio. 2023.